

Para onde nos leva FHC?

Antoninho Marmo Trevisan

Fechando um primeiro trimestre bastante turbulento, com a ameaça de uma CPI do sistema bancário pairando sobre cabeças poderosas, é de se perguntar: para onde nos leva Fernando Henrique Cardoso, neste ano de 1996, quando o País continua a comemorar os bons tempos da inflação baixa, quase sumindo?

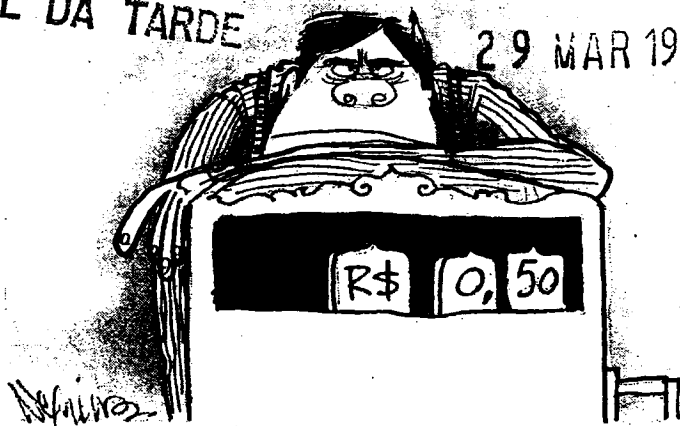
Do ponto de vista das empresas, sabe-se que é impossível voltar atrás no que já foi conquistado pelo consumidor, ainda que sempre corramos o risco de medidas governamentais que nos tirem o sono. A abertura escancarada de mercado, por exemplo. Se já não é mais possível realizar negócios fantásticos na importação de veículos, porque as alíquotas já não são tão atraentes, as empresas nacionais atuam hoje numa outra realidade.

Os ventos da globalização sopram forte e negócios montados em bases pouco consistentes podem não resistir. O que é decidido no Primeiro Mundo chega aqui mais rápido do que nunca e o efeito pode ser devastador para quem não reforçou seus alicerces com programas de qualidade, vantagens competitivas, maior produtividade e alianças estratégicas. As operações são mundiais. O mercado está globalizado e as empresas também.

Por isso mesmo, compartilhar políticas externas, levar adiante acordos internacionais, estimular o comércio bilateral são fatores

JORNAL DA TARDE

29 MAR 1996



TALVEZ FERNANDO HENRIQUE
NÃO CONHEÇA MUITO BEM
COMO PENSA E COMO REAGE
O SETOR EMPRESARIAL

decisivos para nossa economia doméstica. Quanto a isso, o presidente tem se mostrado um craque! Suas constantes viagens sugerem um forte empenho em abrir as portas do País e atrair novos investimentos. É preciso pensar, por outro lado, que exílio, experiência acadêmica e visão sociológica podem não ser os aspectos mais necessários do currículo de Fernando Henrique neste momento.

Alguns anos de vida parlamentar oferecem muito mais a quem, como ele, esteve atento a ela, a ponto de chegar ao Executivo com o sorriso complacente de quem sabe mandar recados a

ouvidos certos. Afinal, administrar quebra-paus no Congresso, jogadas políticas, avanços e recuos são instrumentos que Fernando Henrique maneja como ninguém, porque esteve lá e sabe que democracia é isso mesmo. Talvez ele não conheça muito bem como pensa e reage o setor empresarial. A lei da oferta e procura, que agora vale como nunca, é implacável. Ainda mais hoje, com um mercado consumidor que já conheceu o sabor do melhor e do mais barato. O empresariado aprendeu que a reação do mercado é imediata: clientes insatisfeitos podem, em poucos meses, levar um negócio

à falência. Em relação aos governos, contudo, a resposta dos eleitores é mais lenta.

Consciência política e social e senso de cidadania exigem longos anos de experiência democrática e eleições não acontecem todos os dias.

Portanto, nosso presidente vai descobrir que, se para ele administrar as idiossincrasias dos políticos é fácil, do ponto de vista do empresariado, essa turbulência soa como um alarme de perigo, se não iminente, muito próximo. Porque o dono do capital, acostumado ao "toma lá dá cá" do mercado, é por natureza covarde. Na dúvida, no vacilo, ele puxa o carro e vai aportar noutra freguesia.

A bem da verdade, isso não vale para todos. Para quem não tem saída, resta compartilhar tudo com seus colaboradores, treiná-los numa forte parceria, identificar as necessidades dos clientes e trazer para perto de si os detentores de tecnologia de ponta.

Porque, se o mundo mudou e o preço do produto não é mais determinado pelo fabricante, mas pelo concorrente e pelo consumidor, por outro lado, flexibilidade e inovação são a marca das empresas e dos países vencedores. E, aí, é preciso ter muito cuidado.

Antoninho Marmo Trevisan
é presidente da Trevisan Auditores
e Consultores